

A revolução social pela psicoterapia

LUIZ FERNANDO EMEDIATO

Num dos mais neuróticos dramas de Nelson Rodrigues, um de seus personagens — o famoso Palhares, aquele que beijou “a própria cunhada” — pergunta a um amigo cuja filha estava fazendo psicanálise:

— E então, como vai sua filha?

— Vai muito bem — responde o outro. — Ela diz que depois que começou a fazer psicanálise piora de cinco em cinco minutos. E o psicanalista diz que isto é assim mesmo. Quanto pior ela ficar, melhor será. Eu acabo dando um tiro na cara daquele desgraçado.

Nelson Rodrigues não gostava da psicanálise — mas teria sido, segundo os psicanalistas, uma “prato cheio” nas mãos de qualquer psicoterapeuta. O que ele teria escrito, se psicanalisado? Sua dramaturgia seria outra? Dostoyevsky teria sido melhor romancista se expurgado de seus traumas? Van Gogh e Gauguin seriam artistas mais completos se menos excêntricos e desajustados?

Embora seja às vezes aceita como verdadeira a teoria segundo a qual a criação intelectual e artística é mais poderosa em seres humanos desajustados, de espírito inquieto — a criação como rebeldia e resposta ao meio hostil — o psicólogo Jacob Pinheiro Goldberg acha que não. Envolvido ultimamente em experiências pioneiras, que fundem num só corpo psicoterapia e desenvolvimento da inteligência, ele acredita que artistas, intelectuais e cientistas só têm a ganhar com a psicanálise. O conhecimento da realidade exterior só poderia ser completo com o conhecimento integral da realidade interior de cada indivíduo — a revolução pelo conhecimento.

A idéia é polêmica, principalmente quando ligada a ciência tão controversa. Definida por alguns como filha da religião e neta da feitiçaria, muito mais que uma ciência do comportamento humano, proibida nos países socialistas (nos quais é vista como uma deformação burguesa), temida pelos leigos, a psicanálise sempre despertou controvérsias, desde sua criação por Sigmund Freud, o primeiro a aplicar metodicamente técnicas psicológicas para restabelecer o equilíbrio emocional do indivíduo.

Entre o alquimista e o futurólogo, o psicoterapeuta se debruça sobre o passado do indivíduo (sua infância, sua adolescência), revolvendo seus temores, vasculhando seus segredos, devastando suas mais íntimas razões, para questionar o seu presente e adivinhar, junto com ele, o seu futuro.

Até onde, porém, a psicologia é um discurso correto e até que ponto não passaria de uma fantástica mistificação, a dois ou em grupo? Até onde o psicoterapeuta e o analisando não estariam fazendo um mero exercício abstrato de suas próprias tipotências, e mais: confundindo o real com o ideal? Várias motivações, argumentam os leigos, podem estar implícitas nesta relação “neurótica” entre psicoterapeuta e analisando. Este pode estar motivado por suas inseguranças, seus medos e sua ignorância da metodologia; aquele, simplesmente pela vaidade, quando não incurso em erro de apreciação científica.

Outra das perguntas que se fazem com relação à psicoterapia é a que questiona sua importância para o indivíduo. Ela se destinaria apenas aos “doentes” e seria, em decorrência disso, um mero “tratamento” reservado à psicopatologia? Ou seria — mais do que isso — uma concepção do mundo, aquilo que os alemães chamam de Weltschaum, nesse caso incorporando-se ao campo da filosofia?

Como Nelson Rodrigues, outros pensadores e intelectuais — em tom sem dúvida menos jocoso que o do dramaturgo — chegam a pôr em dúvida a própria validade da psicanálise. Acusam-na de perigosa, por sua pretensão quase metafísica; ou de desnecessária, apenas, nada mais que o supérfluo produto de uma sociedade em crise. Apesar disso, nenhuma área do comportamento humano tem crescido tanto, mesmo no Brasil, nos últimos anos, quanto a psicologia.

As evidências de que existe uma ansiedade de conhecimentos a respeito do tema estão na sua exploração pelos meios de comunicação de massa e na popularização de certos profissionais, que se tornam figuras públicas quase tão mitificados quanto cantores ou atrizes de televisão. E o caso, entre outros, do psicanalista Eduardo Mascarenhas, hoje frequentador habitual das colunas sociais ou de fofocas. Disputas profissionais e conflitos classistas assumem dimensões polêmicas, como no caso das referentes à participação de um psiquiatra em interrogatórios policiais.

Nesse contexto de discussão popular, a imaginação e as fantasias correm soltas a respeito também de outro aspecto igualmente polêmico: o psicanalista poderia usar o seu inegável poder de persuasão para envolver e seduzir pacientes? Num filme norte-americano recente, inspirado em caso real e exibido pela televisão, pôde ser discutida a história de um processo judicial em que o acusado, um psicanalista, foi afinal condenado por ter seduzido sua paciente, com quem mantinha um romance compulsivo que quase a levou à loucura.

Apesar destes desvios — afinal detectáveis em quase todas as profissões — e das condenações da esquerda marxista, radical há quem acredite, como Jacob Pinheiro Goldberg, que “a revolução do futuro será muito mais o resultado da Psicologia do que da Sociologia ou da Economia Política, porque, na sua opinião — e ao contrário do que pensam os marxistas — “a grande aspiração do homem está centrada na sua mente e no seu coração, o não no estômago ou no poder”.



Jacob Pinheiro Goldberg